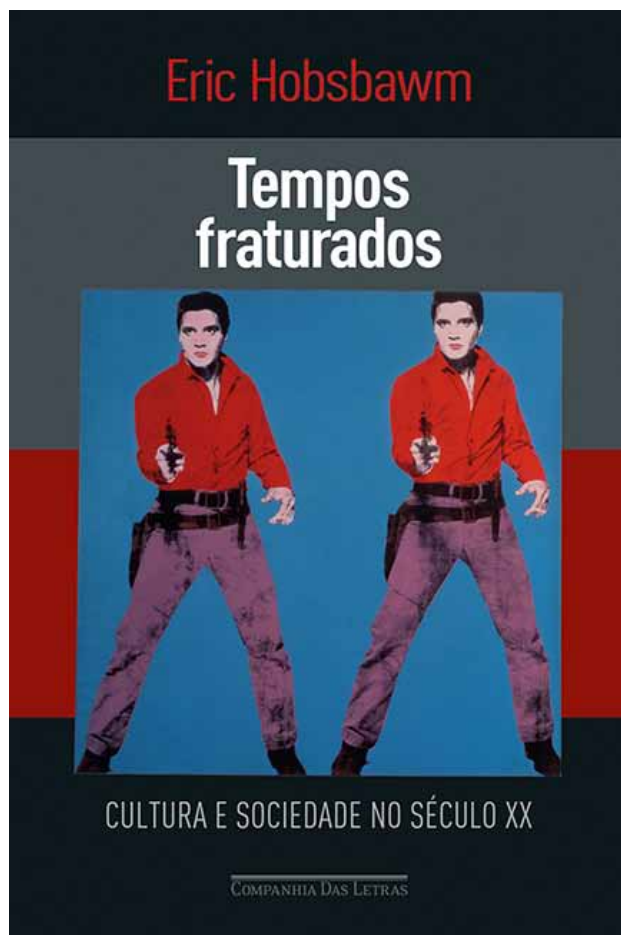


Fraturas no tempo de Eric Hobsbawm



Marcos Antonio de Menezes

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás/Campus Goiânia. É autor de *O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire*. Curitiba: Editora CRV, 2013. pitymenezes.ufg@gmail.com

Fraturas no tempo de Eric Hobsbawm

Fractures in Eric Hobsbawm's time

Marcos Antonio de Menezes

HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, 358 p.



A maioria de nós, professores ou acadêmicos de história, conhecemos mais a produção de Eric Hobsbawm que está voltada para o estudo da economia e da política dos séculos XVIII e XIX, basicamente os títulos reunidos na quadrilogia *A era das revoluções* (1789-1848), *A era do capital* (1884-1875), *A era dos impérios* (1875-1914) e *A era dos extremos* (1914-1991). Esta série ficou conhecida como “Era do século XX”.

A produção deste britânico nascido em Alexandria é bastante ampla e capaz de dar sentido a um conjunto de transformações políticas e sociais que vão da Revolução Francesa de 1789 – marco da era contemporânea – até nossos dias. Ele escreveu sobre o imperialismo, poder dos mercados e da mídia, democracia, banditismo social e jazz.

Para além dos seus conhecidos clássicos sobre economia e política, Hobsbawm deixa uma herança intelectual transcendente para o pensamento crítico. Ao discutir o banditismo social nas obras *Rebeldes primitivos* (1959) e *Bandidos* (1969), ele rompe com a tradição historiográfica que considerava como mero delinquente um fora da lei, iluminando a história esquecida do mundo dos insubmissos. Sob o pseudônimo de Francis Newton – homenagem ao músico norte-americano Frankie Newton –, adotado na capa de *História social do jazz* (1959)¹, escreve uma obra que é referência necessária para quem estuda a relação história e música. Em *1968: Magnum el mundo* (1998), com o jornalista Marc Wetzman, Hobsbawm mostra, usando 240 imagens de fotógrafos consagrados da agência Magnum², os principais acontecimentos de 1968. Escrevendo pouco, ele deixa as imagens desnudarem os eventos e personagens de um ano em que a cultura do mundo mudou rapidamente. Já em *Pessoas extraordinárias* (1998), em três seções, “A tradição radical”, “Camponeses” e “Jazz”, Hobsbawm volta a tratar de grupos sociais particulares.

Ele criou muitos conceitos em uso: a “crise geral do século XVII”, a “dupla revolução” (as revoluções francesa e industrial), a “invenção da tradição”, “rebeldes primitivos” do “banditismo social”, o “longo século XIX” (1789-1914), o “breve século XX” (1914-1989), e estes não são mais do que alguns. Sua capacidade de ver o quadro geral e desenvolver um conceito capaz de enquadrar e organizar os detalhes diversos e díspares da história foi incrível.

Tempos fraturados é a última obra de Hobsbawm. A coletânea foi finalizada pouco antes de sua morte em 1º de outubro de 2012 e reúne 22 textos, em sua maioria escritos a partir dos anos de 1990, e apresenta reflexões que abrangem arte e política, do florescimento da *belle époque*

¹ O pseudônimo fora, também, uma exigência dos editores, que achavam que um historiador marxista não deveria assinar um livro sobre música popular. Só em 1989 é que o livro foi editado com o nome de Eric Hobsbawm aparecendo na capa.

² A Magnum (nome retirado de uma enorme garrafa de *champagne*) é uma cooperativa de fotógrafos francesa que surgiu em 1947, liderada pelo fotógrafo húngaro Robert Capa (1913-1954), que já fotografava em cenários de guerra desde os anos 1930. Participaram também da Agência Magnum o fotógrafo polonês David Seymour, “o Chim” (1911-1956), o francês Henri Cartier Bresson (1908-2004) e o inglês George Rodger (1908-1995).

à consolidação da sociedade de consumo. É o caso de “Os intelectuais: papel, função e paradoxo”, de 2011, que lamenta o desaparecimento do intelectual público: nos dias que correm, argumenta Hobsbawm, eles não têm como fazer frente a Bono Vox. É também o caso de “A perspectiva da religião pública”, publicado pela primeira vez, que discute a religião no século XX como força política, em oposição ao papel que já exerceu como força intelectual.

O subtítulo do livro indica as áreas e temas mais abrangentes desses escritos: *cultura e sociedade no século XX*. Embora seja possível abordar esses temas por ângulos diversos e fazendo uso das mais variadas concepções, Hobsbawm manteve firme a linha analítica que seguiu ao longo de toda a sua produção: o marxismo.

Já no prefácio, sem rodeios ou meias palavras, o autor informa ao leitor sobre o que vai tratar nas 349 páginas que se seguem:

Este livro é sobre o que aconteceu com a arte e a cultura da sociedade burguesa depois que essa sociedade desapareceu com a geração pós-1914, para nunca mais voltar. É sobre um aspecto da transformação sísmica global que a humanidade tem vivido desde que a Idade Média terminou bruscamente, nos anos 1950, para 80% do globo, e sobre os anos 1960, quando as regras e convenções que governavam as relações humanas se desmancharam para todo o resto.³

Esta apresentação está longe de ser pessimista e confirma a aposta do autor na atualidade dos escritos de Marx que o ajudam a fazer uma lúcida leitura da sociedade de consumo de massas que surge, em sua análise, não como mero resultado de um processo econômico vitorioso, mas como experiência humana que se espraia sobre a vida prática de seres humanos reais.

Ainda no prefácio, Hobsbawm dá mostra clara de seu temperamento de historiador não afeto a abstrações teóricas e é objetivo ao explicar o que irá fazer, sem cair no ridículo do empirismo puro e simples. Suas elaborações teóricas transparecem no texto no momento em que a pesquisa assim as requisita.

O argumento básico das dissertações reunidas neste livro é que a lógica tanto do desenvolvimento capitalista como da própria civilização burguesa estava destinada a destruir seus alicerces, uma sociedade e suas instituições governadas por uma elite minoritária progressista, tolerada e talvez até aprovada pela maioria, ao menos enquanto o sistema garantisse a estabilidade, a paz e a ordem pública e as modestas expectativas dos pobres. Ela não poderia resistir ao golpe triplo da revolução da ciência e da tecnologia no século XX, que transformou antigas maneiras de ganhar a vida antes de destruí-las, da sociedade de consumo de massas gerada pela explosão do potencial das economias ocidentais, e da decisiva entrada das massas na cena política como consumidores e eleitores.⁴

Assim, o autor mostra como um fenômeno histórico recente – o da entrada em cena das massas no mercado de consumo – colocou em cheque todo um modelo de sociedade e principalmente a arte e a cultura produzidas no século XIX, que Hobsbawm chamou de “civilização burguesa europeia”.

Na parte II do livro, que traz o título “A cultura do mundo burguês”, a discussão sobre o tipo de cultura que havia no século XIX vem à tona. Arte é cultura, que na análise do autor se destinava a um público de iniciados que sabiam apreciar estética com espiritualidade. Era uma arte criada por artistas incomuns, obras que passavam a integrar o cânone em um período

³ HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 13.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 182 e 183.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 14.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 290 e 291.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 291.

⁹ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 178.

¹⁰ *Idem, Tempos fraturados, op. cit.*, p. 22 e 23.

em que não só os artistas eram distintos, mas também o público que compunha um todo sócio-histórico. “Há muito ficou evidente que esse modelo de cultura sobreviveu mas deixou de ser dominante no século XX, [...] em particular porque ele foi em grande parte abandonado depois da Segunda Guerra Mundial pelos próprios criadores”.⁵

As profundas mudanças pelas quais passaram as sociedades ocidentais do século XIX escorreram para o interior de seus homens, mudando ou ampliando as maneiras de percepção do mundo, fazendo com que a arte cada vez menos seja resultado da observação de um artista e sim da exigência do mercado que se expande numa velocidade cada vez maior. O desenvolvimento dessa sociedade tecnoindustrializada é historicamente inédito, “transformou totalmente nossa maneira de apreender a realidade e a produção de arte, sobretudo acabando com o tradicional *status* privilegiado das “artes” na velha sociedade burguesa, quer dizer, sua função como medida do que é bom e do que é ruim, como transmissoras de valores: verdade, beleza e catarse”.⁶

Hobsbawm vê na vanguarda importante contribuição para a mudança no patamar das artes no século XX, mas assevera que tal mudança não foi realizada apenas pelas vanguardas, mas pela combinação da tecnologia e do mercado de massa, ou seja, pela democratização do consumo estético.

Nessa revolução, o cinema, que é resultado do aprimoramento das técnicas da fotografia, aparece como a arte central do século XX. *Guernica*, de Picasso, é incomparavelmente mais expressiva como arte, mas, falando tecnicamente, ...*E o vento levou*, de Selznick, é uma obra mais revolucionária”⁷ O cinema, a televisão, a propaganda, as novas artes visuais foram, para o professor Hobsbawm, mais revolucionárias que a arte moderna de Mondrian, pois foram ousadas, deixando de lado os cavaletes. “Uma câmara numa plataforma de maquinista comunica bem melhor a sensação de velocidade do que uma tela futurista de Balla”.⁸

Em seu *A era dos extremos*, o sexto capítulo da parte dois tem início com a seguinte indagação:

*O motivo pelo qual brilhantes desenhistas de moda, uma raça notoriamente não analítica, às vezes conseguem prever as formas dos acontecimentos futuras melhor que os profetas profissionais é uma das mais obscuras questões da história; e, para o historiador da cultura, uma das mais fundamentais. É sem dúvida fundamental para quem queira entender o impacto da era dos cataclismos no mundo da alta cultura, das artes da elite, e sobretudo na vanguarda. Pois aceita-se geralmente que essas artes previram o colapso da sociedade liberal-burguesa com vários anos de antecedência.*⁹

Enquanto a velha ordem social do século XIX continuou como se nada pudesse mudar, artistas, incluindo *designers* de moda, de alguma forma anteciparam, em suas criações, o caos que estava chegando. Os artistas, as artes do século XXI ainda podem fazer isso? Em *Tempos fraturados* Hobsbawm admite que essa ainda era uma questão que ele não havia conseguido responder. “Ainda não sei a resposta. Examinando retrospectivamente as artes na década anterior a 1914, vemos que muita coisa nelas previu o colapso da civilização burguesa depois daquela data”.¹⁰ Em outro ponto, observa ele: “a rigor é inconveniente perguntar a um historiador como será a cultura no novo milênio. Somos especialistas no passado. Não estamos ligados ao futuro, e certamente não ao futuro das artes, que passam pelo momento mais revolucionário de sua longa história”.¹¹ Hobsbawm sugere

que os historiadores deveriam “se aventurar pelo campo da futurologia”, pois há muito dinheiro de governos e empresários sendo gasto com profetas e seus prognósticos. “Afinal, não obstante todas as sublevações, passado presente e futuro formam um continuum indivisível”.¹²

Hobsbawm, usando diferentes fontes, mas mantendo seu estilo, faz um quase julgamento do seu próprio mundo. Em passagens extraordinariamente sólidas e evocativas, questiona o historiador: “de onde viemos?”. Quer especialmente saber se esse era o mundo de ontem, o mundo de Stefan Zweig¹³ e o seu: o do antigo Império Austro-Húngaro. Em alguns dos ensaios do livro, de forma brilhante, analisa o desenvolvimento desse mundo do século XIX, incluindo aí a decisiva (e mais tarde trágica e por que não irônica) contribuição da população judaica para a cultura de uma vasta área predominantemente de língua alemã: desde bem antes do Holocausto.

Tempos fraturados mostra um autor a examinar com dureza o mundo que amava e a constatar que todas as certezas do século XIX acabaram por ser mentira. Em vez de progresso, houve guerras totais e genocídios que zombaram do otimismo liberal. Em vez de uma ciência racional, houve a física quântica, que ninguém, nem menos os físicos quânticos, poderia entender.

O cientista JBS Haldane¹⁴, um camarada de Hobsbawm da esquerda marxista, que é lembrado nas páginas do livro *Tempos fraturados* (cf. p. 202, 217-220), suspeitou, em 1927, que o universo viria a ser não apenas “mais estranho do que supomos, mas mais estranho do que podemos jamais supor”¹⁵. Sua suspeita tem sido justificada, acima de tudo, porque a cultura de consumo de massa e a democracia minaram antigos gostos e certezas das elites.

Nenhum historiador se saiu melhor que Hobsbawm na defesa de um argumento como faz ao afirmar que a música clássica é agora uma arte de museu: “A música clássica, basicamente, vive de um repertório morto. Das cerca de sessenta óperas encenadas na Ópera de Viena em 1996-97, só uma era de compositor nascido no século XX”.¹⁶ Essa estatística indica a “revolta contra a tradição” do que podemos chamar vagamente de o movimento moderno, mesmo que agora ele seja muito antigo. Assim como o artesanato, a música clássica, a escultura, o jazz, Hobsbawm acredita que talvez o rock’n’roll também já tenha envelhecido para o público do século XXI.

Nada escapa à crítica de Hobsbawm, nem mesmo o comunismo, em relação ao qual seus detratores o acusam de ser parcial no julgamento. Essa crítica pode ser vista até mesmo em uma reflexão comovente sobre a vida de Karl Kraus, o escritor vienense que viu os horrores do século XX antes de qualquer outra pessoa e satirizou o moribundo império Habsburgo com brilhante crueldade. Você pode satirizar e protestar nas sociedades semilivres como a Áustria de Franz Joseph ou a Rússia de Brezhnev, diz Hobsbawm. Mas Kraus calou-se sobre o tema do nacional-socialismo: “No que diz respeito a Hitler nada me ocorre dizer”.¹⁷ Para o velho comunista, o mesmo silêncio satírico cai sobre a União Soviética dos tempos de Stalin, “dos quais até hoje ninguém ri, nem retrospectivamente”.¹⁸

Hobsbawm foi único em combinar erudição com profunda compreensão da história e determinação imaginativa, combativo e controverso para explicar o presente e o futuro, e este, o seu último livro, é certo que apelou para um público amplo.

8

Resenha recebida em junho de 2014. Aprovada em agosto de 2014.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 27.

¹² *Idem*.

¹³ Foi um escritor de origem judaica nascido em Viena em 1881 e que se exilou no Brasil, morrendo (cometeu suicídio) em Petrópolis em 1942. A partir da década de 1920 até sua morte foi um dos escritores mais famosos e vendidos do mundo.

¹⁴ John Burdon Sanderson Haldane. Conhecido como Jack (mas que usou “JBS” em suas obras impressas), foi um britânico geneticista e biólogo evolutivo. A ele é creditado geralmente papel central no desenvolvimento do pensamento neodarwinista (popularizado por Richard Dawkins em 1976 na obra intitulada *O gene egoísta*). Foi um marxista convicto, criticou o papel da Grã-Bretanha na crise de Suez e optou por deixar a Grã-Bretanha e migrar para a Índia, tornando-se um cidadão indiano. Ele também foi um dos fundadores (com Ronald Fisher e Sewall Wright) da genética das populações.

¹⁵ HALDANE, J. B. S. *Possible worlds*. London: The Library Press/Minerva, 1927, p. 285 e 286.

¹⁶ HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados*, op. cit., p. 32 e 33.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 170.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 171.